

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA

TUTTO FELLINI!

A Cinemateca com a 13ª Festa do Cinema Italiano

4 de novembro de 2020

## LA STRADA / 1954 (*A Estrada*)

um filme de **Federico Fellini**

**Realização:** Federico Fellini / **Argumento:** Federico Fellini, Ennio Flaiano, Túlio Pinelli / **Fotografia:** Otello Martelli / **Música:** Nino Rota / **Montagem:** Leo Cattozzo / **Cenários:** Mário Ravasco / **Guarda-Roupa:** Maria Margherita Bomarzi / **Som:** A. Calpini / **Colaboração Artística:** Brunello Rondi / **Intérpretes:** Giulietta Masina (Gelsomina), Anthony Quinn (Zampanò), Richard Basehart ("il Matto"), Aldo Silvani (Sr. Giraffa), Marcella Rovere (a viúva), Lina Venturi (a irmã), Mário Passante.

**Produção:** Carlo Ponti, Dino De Laurentiis / **Cópia:** DCP, preto e branco, com legendas em português, 107 minutos / **Estreia Mundial:** Festival de Veneza, em 14 de Setembro de 1954 / **Estreia em Portugal:** S. Jorge, em 22 de Setembro de 1955.

---

**La Strada** é, ao lado de **I Vitelloni**, o filme de Federico Fellini em que ele se manifesta de corpo inteiro e começa a construir uma obra pessoal que os filmes anteriores já anunciavam. Um olhar pessoal e uma equipa homogénea, em especial na parte técnica e outros contributos, com destaque para Nino Rota, compositor que no cinema deixará o seu nome ligado ao de Fellini. Mas o que lhe dá um toque mais "felliniano" é a polémica levantada à sua volta e o gosto com que o realizador a ela respondeu. Esta é uma característica comum a quase todos os filmes que Fellini fez a seguir, com destaque particular para **La Dolce Vita**, **Otto e Mezzo**, as suas incursões pelo **Satyricon** e a "fantasia" de **Casanova**.

Mas se não é "autobiográfico" como o anterior, **La Strada** é aquele em que o "olhar" e "estilo" Fellini se manifestam em toda a sua força e pujança, pela primeira vez. De todos os filmes citados talvez também tenha sido **La Strada** o que mais polémica levantou (a de **La Dolce Vita** é já de outro nível). Em 1954, quando o filme se estreou, o neo-realismo impunha os seus cânones à produção italiana, sob a égide de Cesare Zavattini, mas a sua posição revelava-se cada vez mais frágil, com os "trânsfugas" optando por novos "modelos" (a comédia "à italiana", por exemplo). Se os filmes anteriores de Fellini já mostravam que não era por aí que o realizador estava interessado em marchar, **La Strada** representa a ruptura definitiva. E isso foi o que a crítica de esquerda (Aristarco em Itália, Raymond Borde em França), que já o olhava de viés, não perdoou (Borde chamou-lhe, "Poujade franciscano" que "está a sujar o neo-realismo italiano").

Toda a novidade, tudo aquilo que ainda não é percebível, provoca uma reacção de recusa, principalmente das forças dominantes. O cinema de Fellini afirma-se, a partir de **La Strada**, um "outro" cinema, um olhar pessoal e à margem de qualquer "escola"

(goste-se ou não dele, não se pode deixar de reconhecer a sua originalidade). Não é a paisagem "real" onde se inserem personagens "reais", enfrentando problemas "reais" de ordem política e social, as marcas de uma certa ideia de "neo-realismo", que se encontram a partir de agora em Fellini. As personagens de **La Strada** são de outra ordem, espiritual, tomando cada uma delas, Zampanò, Gelsomina, "il Matto", uma função simbólica. Todo o filme, aliás, toma este sentido, e era isto o que os defensores do neo-realismo lhe criticavam. Em **La Strada**, Fellini dá início a um estilo narrativo que o caracterizou: um percurso que, sendo labiríntico, forma uma espécie de círculo vicioso: regressa-se sempre ao ponto de partida, mesmo que este esteja agora a outro nível: Zampanò regressa a uma solidão mais amarga e desesperada daquela em que o encontramos ao começo, e num espaço em tudo semelhante, a praia. Ele toma aqui, neste final, também uma forma simbólica, semelhante ao "monstro" que desagua na praia no final de **La Dolce Vita**. O círculo fecha-se em **La Strada** e o percurso pelas estradas toma a forma de um labirinto de onde é impossível fugir, a não ser pela morte: a personagem de "Matto", primeiro, Gelsomina, depois, de quem saberemos apenas pela música que "deixou" como testemunho.

Uma cena do filme contém toda a ideia dele. Aquela em que "Matto" conversa à noite com Gelsomina, e lhe explica a sua "filosofia" de vida, a de que tudo tem um sentido, "mesmo esta pedra". E remata com um "se esta pedra não serve para nada, então nada tem sentido", por onde passa um claro eco dostoiévskiano (a título de curiosidade, a frase de "Os Irmãos Karamazov" é dita, na adaptação de Richard Brooks, pelo mesmo actor que faz de "Matto": Richard Basehart). No plano seguinte Gelsomina leva ao rosto e ao peito aquela pedrinha, que para ela tem todo o sentido do mundo: o mesmo que tem o clarinete, em que ela toca a melodia e que é o dela mesma, face a Zampanò. Só este não compreende nada disso, que ela (e aquelas coisas) são a essência de algo espiritual, que o sentido da vida (e para outros, de Deus) se encontra ali.

**La Strada**, que impôs internacionalmente o nome de Fellini (receberia o Oscar para o melhor filme estrangeiro) revela também Giulietta Masina como uma actriz de eleição, com um toque chaplinesco, muito destacado então, mas que lhe dá uma conotação infantil (os olhos dela na cena em que Zampanò lhe muda o chapéu, ao começo, assim como a "aprendizagem", e especialmente, o número burlesco que representa ao lado de Zampanò).

Manuel Cintra Ferreira

---

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico